

Deslocamentos afetivos: reflexões sobre o desejo de “estar” das crianças

Caroline Trapp de Queiroz

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo refletir sobre os deslocamentos afetivos realizados pelas crianças que responderam à pergunta “onde você gostaria de estar agora?”, feita no interior de uma pesquisa que teve o propósito de conhecer as experiências vividas por crianças de diferentes contextos. É importante destacar que os deslocamentos são pensados aqui de modo a incluir os movimentos que empreendemos filosoficamente e que transcendem a literalidade impressa na ideia circunscrita à espacialidade.

As questões apresentadas na discussão que trago para esse artigo nasceram de uma pesquisa intitulada “Infância e cultura: experiência e criação na contemporaneidade”, realizada entre os anos de 2012 e 2014 com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Pensada e construída de maneira coletiva pelo Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea (GPICC), vinculado institucionalmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), essa pesquisa foi levada à campo entre abril e dezembro de 2013.

É importante destacar que os pesquisadores do GPICC trabalham separadamente, nos projetos individuais que cada um se propõe a realizar e, ao mesmo tempo, vêm trabalhando conjuntamente desde que todos se articularam em torno de um projeto que foi pensado, desde o delineamento das problemáticas e a elaboração das estratégias metodológicas, até a análise do campo e a sistematização dos achados, de forma coletiva. Nesse sentido, a estruturação da pesquisa foi relativamente demorada, uma vez que ela tenha sido construída por mais de 20 mãos que, unidas, buscaram dar escopo à investigação das experiências e processos de criação vividos hoje por crianças de diferentes contextos.

Para os encontros com as crianças, foram elaboradas seis perguntas norteadoras: 1) O que significa ser amigo? 2) O que você faz todos os dias? O que você nunca faz e gostaria de fazer? 3) Onde você gostaria de estar agora? 4) O que você acha que nunca vai esquecer? 5) O que você não viveria sem? e 6) Que perguntas você acha que deveríamos fazer para as crianças?. Como estratégia metodológica, foram desenvolvidas atividades na tentativa de propiciar imersão naquilo que seria perguntado, desencadeando as discussões.

A sustentação teórico-metodológica para a criação e realização dos modos como os encontros se dariam foi produzida em diálogo com a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Embora esse autor não apresente, necessariamente, uma sistematização sobre a feitura da pesquisa empírica, ele traz uma perspectiva de mundo, de ciência e do “outro” que nos gerou reflexões quanto à ética da produção do conhecimento à qual nos lançamos. Além disso, os conceitos

bakhtinianos de “alteridade” e “dialogismo” (BAKHTIN, 2011) foram fundamentais para a elaboração das atividades propostas, ou seja, para o processo de criação das estratégias metodológicas no momento que precedeu os encontros. Tais conceitos nos provocaram a pensar o momento do encontro como um processo dinâmico de interlocução e produção de sentidos que implicam diferentes modos de ser e estar no mundo.

No total, 74 crianças com idades entre 4 e 12 anos participaram da pesquisa, sendo 40 meninos e 34 meninas. Foram nove os diferentes contextos nos quais nos encontramos com elas: quatro grupos de crianças se circunscriviam à escola, uma pública, uma particular, uma instituição público-privada que já funcionou como abrigo para crianças desassistidas, as três na cidade do Rio de Janeiro/RJ, e uma escola particular bilíngue, localizada na cidade de Niterói/RJ; um grupo de crianças vizinhas que brincava numa rua sem saída; um grupo de crianças residentes da zona rural da cidade de Nova Friburgo/RJ; e três grupos formados por crianças que têm perfil na rede social *Facebook*. Um dos principais critérios utilizados para chegar a estes grupos e contextos foi o de conversar com crianças que já se conhecessem entre si, pensando na fluidez do diálogo e na interação que se pretendia alcançar.

Especificamente para esse artigo, provocada pela revisita às transcrições dos encontros com as crianças, encontramos esses marcados por diferentes sujeitos, tempos, espaços e acontecimentos, e também pela proposta do eixo “Coletivos e trânsitos urbanos: fluxos entre as práticas escolares e o cotidiano das ruas”, do II Seminário de Arte, educação e Culturas do Espaço Cultural do Colégio Pedro II, trago para a discussão a questão dos deslocamentos afetivos empreendidos pelas crianças a partir da pergunta “Onde você gostaria de estar agora?”.

Essa indagação foi pensada pelo grupo de pesquisadores com o intuito de saber que espaços faziam parte do hall de desejos de “estar” dessas crianças. Junto dessa pergunta, elaboramos uma atividade nos grupos presenciais para potencializar as reflexões. Essa atividade consistia em montar uma barraca, escurecer o ambiente em que estávamos e puxar o assunto dos espaços fazendo a pergunta. Como cada lócus de pesquisa possibilitava uma realidade singular, em alguns contextos, a barraca foi feita com um lençol, em outros, fez-se uma roda com cadeiras e, em outros, a “barraca” consistiu em sentar embaixo de uma árvore de copa mais baixa... Assim, cada lugar fez com que operacionalizássemos as atividades de diferentes formas, a fim de realizar a pesquisa.

Nos grupos “online”, provocamos as reflexões a partir da seguinte imagem,

[Figura 1]

Onde você gostaria de estar agora?



Fonte: REPRODUÇÃO ANÔNIMA DA AQUARELA DE ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY (1900-1944).

Sempre que se pensa em um espaço, deve-se levar em consideração que ele traz consigo um tempo específico – que é, não apenas o presente ou o que já o perpassou enquanto passado, mas também o tempo que quem adentra esse espaço partilha com ele enquanto sentido. Essa reflexão nos conduz à percepção de que uma mesma pesquisa com uma mesma metodologia será vivida de maneiras diferentes pelos diversos indivíduos que dela fazem parte, não apenas por se tratar de diferentes pessoas, subjetivas e únicas, mas também pelo fato de essa mesma pesquisa acontecer como experiência em espaços e tempos diferentes. Estamos, portanto, falando dos tempos que os contextos e as “gentes” que neles circulam permitem ou implicam viver. Estamos dizendo, assim, que os tempos são aqueles dos lugares sociais e das experiências vividas pelos sujeitos que neles transitam. É a partir dessa percepção que encaramos as singularidades de cada lócus, considerando que se trata de uma mesma pesquisa, que gira em torno dos mesmos objetivos e princípios éticos norteadores.

Assim, ainda que as perguntas e as atividades fossem as mesmas, não apenas os contextos se alteravam, como os próprios sujeitos, que eram únicos e, portanto, responsáveis pela imprevisibilidade e irrepetibilidade que constituiu a pesquisa. É justamente quando o “outro” chega à pesquisa, que ele deixa de ser uma idealização para tornar-se sujeito. Foi ali no encontro, onde a realidade choca, que o “outro” chegou, subverteu, significou, desafiou, provocou e inquietou, agindo na pesquisa e marcando-a singularmente. Há previsibilidade que dê conta das mudanças que cada encontro instaura quando dá à luz a pesquisa? A realidade de cada encontro instaurou o início da pesquisa como arena, como experiência, como tensão, como vida. Ali, onde o espaçotempo somado ao acontecimento instituiu um contexto específico.

Desejos de estar: os deslocamentos afetivos das crianças

Uma primeira categoria a ser analisada nesse artigo se refere ao termo “deslocamento afetivo”, que não se circunscreve, aqui, à psicanálise e suas discussões sobre transferência, mas sim acerca de um movimento de imaginação, empreendido pela alteridade, que buscamos provocar nas crianças a partir da indagação sobre “onde gostaria de estar agora”, um movimento que compreende, portanto, transitar por diferentes espaçotempos sem que se precise deslocar fisicamente. Portanto, ao me referir aos deslocamentos afetivos das crianças aqui, busco chamar atenção à explicitação do desejo de “estar” por meio de um deslocar-se para outro contexto de forma afetiva, imaginativa, sem que, para isso, as crianças tenham de se ausentar fisicamente do presente circunscrito ao “aqui” e “agora” em que se encontram.

Segundo Jaqueline Siano (2014, p. 04-05), esse deslocamento afetivo se diferencia do efetivo ao conceder à ideia de “viagem” uma dimensão que transcende o espaço físico e traz consigo outros elementos à reflexão,

Há sempre uma viagem interna, afetiva, responsável por transformações psíquicas e renúncias sobrevindas de experiências exteriores. Experiências que geram reflexões sobre a vida e sobre a possibilidade de entendimento de si e acolhimento do outro. Viajar, num sentido amplo, como uma exploração constante, vai além dos planos e coordenadas traçadas no espaço físico; é também percorrer distâncias afetivas e imaginárias. A viagem, como deslocamento afetivo, permite-nos ver outras paisagens, ativar memórias, expandindo-nos para o campo do simbólico. Os dois modos, no entanto – efetivo e afetivo – misturam-se e, nesse amálgama, criam uma topologia aberta para novos encontros.

Esses outros elementos aparecem nas falas de algumas das crianças que participaram da pesquisa a partir da compreensão de que, no “onde” da pergunta feita, cabiam também as noções do “com quem” e “fazendo o que”, dimensões que, da mesma forma como coloca Siano (2014), expandem a ideia do deslocamento para além da espaço físico, inserindo os afetos na equação quanto aos desejos de estar das crianças.

Na escola particular, por exemplo, Clara (10) afirma querer estar “com” a sua mãe porque ela “me faz sorrir, ficar feliz e me ajuda no dever de casa”. No contexto da zona rural, Antonia (6) afirma querer estar “na casa do tio Beto” que “é lá no Rio de Janeiro, tem piscina, dois cachorros, um brabo, e uma menina que é muito legal, mas ela corre igual bolinha, ela pega a bolinha me da a bolinha na mão aí pego ela no colo, tem uma tartaruga...”. Na instituição público-privada, Samara (10) responde que gostaria de estar “em um lugar com” sua mãe, “deitada, olhando para o céu”. Na escola particular, Gustavo (8) responde que gostaria de estar “brincando com” o avô e com o pai, “em qualquer lugar”.

Foi um achado interessante perceber que, para as crianças, os lugares não apareceram sozinhos, mas associados a outras pessoas e constituindo acontecimentos específicos. Ou seja, o "onde" não está desacompanhado do acontecimento que esse "onde" sedia, que geralmente é um acontecimento vivido "com" alguém. Essa percepção dialoga diretamente com o conceito de "cronotopo", cunhado pelo filósofo russo da linguagem Mikhail Bakhtin (1998), que compreende indissociação entre as dimensões de tempo e espaço, indissociação essa que pressupõe a relação com o outro e a transformação possibilitada a partir do encontro com ele. Nesse sentido, tempo, espaço e a experiência vivida parecem fazer parte de uma mesma dimensão do que significa "estar" ou "querer estar", para essas crianças.

Pensar um "onde" nos termos de um "com quem" e "fazendo o que" parece reiterar, portanto, a ideia de que tempo e espaço são dimensões de um mesmo contexto, diferente do que convencionalmente pensamos no interior de uma tradição moderna assentada na convicção apartada de tempo e espaço, tradição que se consolida a partir da Revolução Industrial e se perpetua até a contemporaneidade. Essa lógica compreende os espaços como lugares vazios de sentido e o tempo como um transcorrer que deve ser controlado pelo relógio e convertido em dinheiro (THOMPSON, 1998, p. 272).

A esse tempo Walter Benjamin (apud LÖWY, 2005, p. 119) propõe o "tempo-de-agora", em que as gentes, as transformações, os encontros, em última análise, a história, que confere rostos a números e profundidade afetiva às narrativas dos eventos, rompem a linearidade, a cronologia e as tessituras de causa e efeito, propiciando aos homens uma reconexão com o mundo e consigo mesmos. Essa é a concepção que as crianças parecem contemplar, tempos e espaços significativos porque constituídos justamente pelos encontros e experiências construídas e partilhadas "com" os outros, pela história, pelas transformações.

A segunda categoria que gostaria de trazer para a discussão diz respeito a uma especificidade presente nas respostas das crianças menores, que se refere à presença de elementos da imaginação. Anna Júlia (5), por exemplo, à pergunta sobre onde gostaria de estar, afirma o desejo de estar "no céu", "ficar lááá no sol". Gabriel (5) também traz para o diálogo esse mesmo "estar" no céu, "voando, porque lá é legal!". Essas respostas, tão inesperadas no contexto da pesquisa, provocaram a pesquisadora a devolver a pergunta,

Pesquisadora: como a gente sabe que o céu é legal, se a gente nunca foi?

Anna Julia (5): por que quando eu nasci, da barriga da minha mãe, eu tava lá no céu ainda, quando papai do céu me criou, eu tava lá no céu me alimentando de nuvem...

A imaginação se fez presente também em respostas que trouxeram para o diálogo a vontade de estar em outros planetas, como com João Pedro (6), que responde desejar estar “em Júpiter, Marte, Sol, Planeta Terra”. Embora na concepção comum a imaginação possa se referir a algo irreal, Vygotsky (2009) defende que, na verdade, imaginação e realidade se compõem de elementos tomados uma da outra, e vice-versa. Assim, ainda que a combinação de elementos reais possa resultar em fantasia (voar no céu, comer nuvem, etc), a matéria-prima desse movimento imaginativo é toda constituída de elementos presentes na materialidade do que é real (o céu, a nuvem, o sol, os planetas...). Da mesma forma, também a criação material de qualquer objeto passa pela construção imaginativa da fantasia (basta pensarmos que, para que a criação do avião fosse possível, foi necessário o desejo humano de voar e imaginar-se voando), o que explicita a relação de mútua influência entre imaginação e criação, proposta pelo autor.

Portanto, Vygotsky (2009), ao estudar a atividade criadora do homem, chama atenção ao fato de que os processos de criação possuem uma dimensão histórico-social, que implica que o sujeito, ao criar algo singular, está se apropriando, combinando e ressignificando elementos que lhe foram oferecidos naquele contexto. Entretanto, ao compor e reelaborar esses elementos, o sujeito cria um novo arranjo, o que caracteriza o movimento estabelecido entre imaginação e realidade, uma vez que tudo o que nos rodeia é fruto da criação humana, ou seja, são “fantasias cristalizadas”, sejam elas criações artísticas, científicas ou técnicas (JOBIM E SOUZA, 1994, p. 147). Criação e imaginação são, portanto, dimensões de sentido existencial, ou seja, os processos neles implicados são constituintes da experiência característica do viver humano. A materialidade da realidade fornece subsídios à imaginação que, por sua vez, viabiliza a criação de todos os elementos que produzimos e que, objetivamente, nos circundam.

Sarmiento (2003, p. 53) destaca que as perspectivas psicológicas do imaginário infantil possuem um elemento comum, a despeito das muitas especificidades que lhes distanciam, que dialoga com a concepção moderna da infância. Nelas, “o imaginário infantil é concebido como a expressão de um déficit – as crianças imaginam o mundo porque carecem de um pensamento objectivo ou porque estão imperfeitamente formados os seus laços racionais com a realidade”.

Nesse sentido, as pesquisadoras Santos e Muniz (2015, p. 10) destacam como papel do pesquisador da infância, “compreender como as crianças, tomadas pelo desejo, subvertem a ordem instituída através da imaginação e como suas falas revelam o seu potencial de trazer para o diálogo outras possibilidades, outras formas de apreender o mundo e de lidar com ele”. Esse olhar permitirá, ao pesquisador, reconhecer a criança como sujeito de sua história, um ser pleno de direitos, desejos e experiências que guardam em si um modo singular de relação com o mundo, afastando a noção de que a criança se define pelo que, nela, ainda está ausente.

Outra categoria importante que apareceu reiteradamente nas respostas das crianças de diferentes contextos foi o desejo de estar na *Disney* – parque temático e “resort” que reúne centros de esporte, lazer e entretenimento, e tem seu pólo localizado na Flórida, Estados Unidos. Especificamente sobre essa categoria, estamos num limiar interessante entre o mundo do consumo e o mundo do afeto – limiar que não determina indossicação, já que ambos os “mundos” podem coexistir em diferentes casos.

Presente nas respostas das crianças do *Facebook*, da escola particular, da instituição público-privada e da escola particular bilíngue, “estar na *Disney*” pode convocar a pensar em que nível age o encantamento midiático contemporâneo na vida das crianças. Lea Tiriba (2005, p. 41) afirma que “[...] ao invés da economia ser definida pelas relações sociais, são estas que se veem enclausuradas pelo sistema econômico”, hoje fortemente atrelado à lógica de um consumo inconsciente e inconsequente.

Salgado (2005, p. 196) chama atenção ao afetamento que o lançamento de personagens provoca nas crianças, influenciando sua formação identitária,

Expressão de uma cultura que lança, dia após dia, produtos, objetos, discursos, personagens e heróis, imagens e espelhos através dos quais os sujeitos se vêem e se refazem. Imersas nesse mercado cultural, em que bens de consumo passam a ser aspectos indispensáveis para a constituição identitária, também estão as crianças de nosso tempo que, desde o momento do nascimento, já se encontram no fluxo acelerado de captura dos ícones e signos que vão compondo suas identidades nômades, indicando quem são, o que fazem e do que são capazes.

A força que esses ícones têm na vida das crianças é tamanha que, diante da pergunta sobre “o que você nunca faz e gostaria de fazer”, as crianças menores, da escola pública, respondem de imediato: ser um personagem,

Lucas (5): Eu queria ser o Ben 10 de verdade, eu queria.

Pesquisadora: Por que?

Lucas: Porque eu gosto. Eu tenho até a fantasia!

Pesquisadora: O que o Ben 10 tem que você gosta?

Lucas: O relógio e os ets... e eu gosto da roupa dele também!

Atuando na formação identitária das crianças, os personagens logo se tornam objeto de desejo, não de um “ter” coisas em que essa imagem se imprime, mas de um “ser” adornado pela magia da televisão, da publicidade que pode servir para inspirar, brincar, fazer pensar, mas que também pode lançar os sujeitos no limbo da baixa auto-estima e das disfunções de gênero – compreendendo esse conceito, aqui, como uma construção social responsável por dividir o mundo de acordo com a materialidade dos sexos de cada pessoa (como se existissem “coisas de mulheres” e “coisas de homens”, quando o que existe, na verdade, são tão somente as coisas em si),

Pesquisadora: Agora Ana Julia! O que você nunca fez na sua vida e gostaria muito de fazer?

Ana Julia (5): Ser as chiquititas, ser a Mile...

Pesquisadora: Ser quem?

Ana Julia: A Mila, a Milena!

Pesquisadora: O que a Milena tem, das chiquititas, que você gostaria muito de fazer esse papel?

Ana Julia: Porque ela usa vestido e...

Pesquisadora: Mas você também usa vestido!

Ana Julia: E ela é bonita!

Pesquisadora: E você também é bonita!

Ana Julia: Porque ela é maior!

Pesquisadora: Você também vai ficar maior... [...] O que ela tem que você queria fazer esse papel? Porque tudo que você falou, você também tem...

Ana Julia: Porque também ela tem um visual.

Pesquisadora: Ah um visual, o que é um visual? Explica pra mim!

Ana Julia: Quando a pessoa se veste bem

Pesquisadora: Ah quando a pessoa se veste bem... Você também se veste bem!

Nesse diálogo, Ana Julia (5) expressa justamente o que foi apontado acima. Tudo o que ela enxerga na personagem Milena das Chiquititas são elementos que ela mesma possui, como beleza, vestido e “um visual”, ou que vai adquirir com o passar dos anos, como a altura. Por que, então, Ana Julia insiste em enxergar Milena como um ícone a ser alcançado? Como essa construção afeta a auto-imagem que Ana Julia tem de si mesma?

Para além dessas questões, cabe resgatar o limiar entre o mundo do consumo e o mundo do afeto ao qual me referi na introdução a essa categoria. É claro que no exemplo de Ana Julia, em que a formação identitária se atrela a uma imagem de pessoa que, na maioria das vezes, não condiz com a materialidade do “ser” e “viver” em sociedade, especialmente quando o que está em jogo é o gênero feminino e o que significa “ser mulher” para nós, culturalmente, a questão convoca a pensar criticamente a relação que se estabelece entre infância, consumo e identidade, pensando que esse afeto pode ser mais negativo que positivo. Basta buscar as estatísticas de adolescentes que desenvolvem distúrbios alimentares e psicológicos por seguir padrões de beleza surreais, vendidos por uma publicidade irresponsável que se sustenta da escravização dessas subjetividades – em geral, mas não só, de meninas e mulheres que vão pulando de indústria em indústria, desde a maquiagem para correção das adolescentes, até a cirurgia plástica para melhoria das mulheres, mantendo-se sempre presas a um ciclo de deformação auto-imagética ao qual o mundo do consumo tem interesse.

No entanto, voltando às respostas que colocam a *Disney* no centro do debate, o limiar referido entre o mundo do consumo e o mundo do afeto existe tanto na perniciosidade da lógica de compra e venda de personagens, que se assenta nessa mesma crítica tecida, mas também pode

guardar, para além dos objetivos da indústria, um teor de afeto que diz respeito aos usos dos objetos por ela criados. Isso porque os usos subvertem, libertam, ressignificam e, nesse movimento, uma viagem à *Disney*, que, a princípio, pode parecer um ato de puro consumismo, corroborador dos objetivos de uma indústria escravizante das subjetividades, pode se tornar o presente mais importante da vida de uma criança que, ao sentir dor de dente, se abraçava ao seu personagem de pelúcia predileto, por exemplo. Essa viagem pode ter significado por ser um presente de aniversário dado por um ente querido, ou por ser o primeiro vôo de avião, a primeira viagem ao exterior, um momento de intimidade com a mãe, enfim, a construção de uma memória envolta na amorosidade de quem enxerga à sua frente o “outro” e não uma marca ou um “slogan”. O que nos leva de volta à questão de um “onde” significado pelo “com quem” se estava e pelo “fazendo o que”.

Há, ainda, uma última categoria a ser discutida no âmbito desse artigo. Pensada por nós com o intuito de saber que espaços faziam parte do hall de desejos de “estar” das crianças que participaram da pesquisa, a pergunta provocou respostas que trouxeram um “onde” no qual nunca se esteve. Dessa maneira, as escolhas afetivas das crianças colocaram em questão, e convocaram a pensar, para além das saudades de lugares já visitados ou mesmo conhecidos, o que está implicado nas “saudades” sentidas de um lugar ainda por visitar.

A questão de pensar sobre uma “saudade do futuro” se coloca a partir de reiteradas falas das crianças sobre o desejo de estar em um lugar no qual nunca estiveram. A palavra “saudade” tem origem na palavra latina “solitatem” (BUENO, 1974) que significa um “sentimento misto de tristeza e esperança causado pela ausência de uma pessoa, de um país, dos quais se está distante, privado, mas com a esperança de ainda revê-los”. Aqui a expressão se atrela a uma saudade como investimento afetivo relacionado a um evento já vivido, a alguém que se ausentou de nossa presença, a um lugar que não mais habitamos, mas que esperamos viver, reencontrar ou habitar novamente. Esse sentido aparece nas falas das crianças (que desejam estar “na casa dos avós” – João (10), “na casa do tio” – Antônia (6), “tomando banho no rio” – João Carlos (5), João Velho (4), “em qualquer lugar com a mãe” – Clara (10), Samara (10), “com o amor da minha vida” – Matheus Cunha (11), etc), no entanto, o que quero apontar também, para além disso, é a ideia de um “porvir” do qual se sente falta, ainda que nunca se tenha experimentado dele.

Pensar uma saudade do futuro pode soar paradoxal devido à relação temporal impressa nesse movimento afetivo de sentir a ausência. É quase como uma inversão de sentido de um tempo que se direciona sempre do passado para o futuro. Assim, “ancorada na memória, à primeira vista, a ideia de saudade parece incompatível com o desconhecido que habita o que há de vir, o tempo que ainda está por chegar, o futuro” (MARTINS, 2004, p. 09). No entanto, sentir saudades de um futuro se relaciona, segundo o filósofo alemão Walter Benjamin (2012) a uma expectativa capaz de motivar a

ação presente a partir do desejo de um futuro do qual se sente falta, que está ausente, porém não impossível de ser alcançado. Essa saudade impulsiona, portanto, a meta de chegar ao desconhecido em que se deseja “estar”, no caso da pergunta que fizemos às crianças.

Amaral (2014, p. 354), ao destacar a importância da memória no exercício de narrar experiências, chama atenção a essa saudade, por ele compreendida como “a expectativa igualmente alentadora e vã de que dois momentos separados no tempo, ou dois entes separados no espaço, coincidam”. Para ele, a “presença do ausente” justifica o trabalho de memória. Aqui nesse texto, a presença do ausente, nas falas das crianças, sintetiza de que relação estamos tratando, ou seja, de uma ausência que se faz presente no desejo, na relação afetiva estabelecida pelas crianças com os espaços, os lugares onde gostariam de estar.

Arremates

Esse artigo teve por objetivo apresentar a discussão sobre os deslocamentos afetivos realizados pelas crianças que responderam à pergunta “onde gostaria de estar agora”, no interior de uma pesquisa que teve o propósito de conhecer as experiências e processos de criação vividos hoje por crianças de diferentes contextos – nove, no total.

Como categorias que nortearam as reflexões, levantei a questão do deslocamento afetivo como movimento que transcende a noção de tempo e espaço impressa no “onde”, inserindo as noções afetivas do “com quem” e “fazendo o que”, que conferiram ao “desejo de estar” das crianças, elementos subjetivos que, embora perpassassem lugares, não se encerravam neles. A segunda categoria trazida destacou a presença de elementos da imaginação nas respostas das crianças menores, imaginação entendida aqui na relação direta com a realidade. Essa relação se funda a partir da compreensão de que a materialidade da realidade fornece subsídios à imaginação que, por sua vez, viabiliza a criação de todos os elementos que criamos e que, objetivamente, nos circundam.

A terceira categoria discutida aqui levou em conta o desejo que as crianças expressaram em estar na *Disney*, um desejo que se situa no limiar entre o mundo do consumo, marcado pelos objetivos de fidelizar o cliente, valendo-se muitas vezes de meio cruéis que afetam até mesmo nossos processos de formação identitária, e o mundo do afeto, que compreende, nos usos dos elementos de consumo, subversões capazes de transcender os objetivos corporativistas da indústria e da publicidade, situando-se no campo da memória, da narrativa, dos sentimentos. A quarta e última categoria abordou a ideia de uma “saudade do futuro”, que se fez presente nas falas das crianças a partir do desejo de estar em um lugar no qual nunca estiveram. Essa saudade foi compreendida aqui como um sentimento propulsor de alcançar o objetivo de conhecer o lugar do qual se sente a ausência, mesmo que ele nunca tenha sido presente objetivamente.

Entendo que as discussões aqui levantadas colaboram para a reflexão sobre a infância contemporânea e sobre os afetos envolvidos no exercício de realizar deslocamentos afetivos e imaginativos – como este presente no ato de imaginar “onde gostaria de estar”. É objetivo principal, ao término desse artigo, que se possa compreender a infância como uma forma singular de ver o mundo e se dispor a viver experiências nele, um modo singular que a criança tem de se relacionar com a vida, mas que nos é acessível a partir de um posicionamento que presuponha relacionar-se com esses sujeitos de forma sincera e aberta ao diálogo, um posicionamento que, em lugar das certezas, permita a emersão das dúvidas e das questões como potencialidades de afeto.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Aécio. Biografia familiar e narrativa imaginativa: ensaio crítico sobre Sertão sem fronteiras: memórias de uma família sertaneja. **Revista de Ciências Sociais**, Paraíba, n. 40, abr./2014, p. 354.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 348.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998, p. 211.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 77.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ed. Brasília, 1974, p. 494.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1994, p. 147.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 119.

MARTINS, Alice Fátima. **Saudades do futuro: o cinema de ficção científica como expressão do imaginário social sobre o devir**. (Tese de Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, (Orientador João Gabriel Lima Cruz Teixeira), Brasília, 2004, p. 09.

SIANO, Jaqueline. Deslocamento em paisagem: a imagem da viagem. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n.10, mai., 2014, p. 04.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 272.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. (Tese de Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, (Orientador Leandro Konder), Rio de Janeiro, 2005, p. 41.

SALGADO, Raquel. **Ser criança e herói no jogo e na vida: A infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados**. (Tese de Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, (Orientadora Solange Jobim e Souza), Rio de Janeiro, 2005, p. 196.

SANTOS, Núbia de Oliveira; MUNIZ, Maria Cristina Soto. **Imaginação e fantasia na pesquisa com crianças**. VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação. Rio de Janeiro, jun., 2015, p. 10. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/adm/diagramados/TR999.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2016.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.21, jul./dez, 2003, p. 51. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2016.

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.